



Ao Senhor dos Passos: notas sobre a história de uma túnica oitocentista

Samuel Barros de Medeiros Albuquerque¹

To the Senhor dos Passos: notes from a 19th century tunic's history

Resumo:

Em março de 2014, o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão (MASC) expôs a túnica oitocentista que, durante décadas, vestiu a cultuada imagem do Senhor dos Passos da Ordem Terceira do Carmo da cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Na ocasião, divulgou-se que a indumentária religiosa havia sido doada aos terceiros do Carmo por um influente político sergipano dos meados do século XIX, João Gomes de Mello (1809-1890), o Barão de Maruim. Este artigo investiga a trajetória da referida túnica, lançando luzes sobre práticas culturais características das elites políticas do Brasil oitocentista.

Palavras-chave Religiosidade, indumentária religiosa, Brasil - século XIX

Abstract:

In march 2014, the *Museu de Arte Sacra de São Cristóvão* (MASC) displayed a tunic from the 19th century that for decades worn the worshiped image of the *Senhor dos Passos* of the Third Order of Our Lady of Mount Carmel in São Cristóvão, Sergipe. It was publicized at that time that the religious vest was donated to the Third Order by an influential politician from Sergipe amidst the 19th century named João Gomes de Mello (1809-1890), the Baron of Maruim. This article investigates the trajectory of the referred tunic, casting light over cultural practices peculiar to the political elites of the 19th century Brazil.

Keywords: Religiosity, religious clothing, Brazil – 19th century

107



1 É professor da Universidade Federal de Sergipe - UFS, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGSE e membro titular do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe - CEC. Graduado em História (UFS, 2004), mestre em Educação (UFS, 2007) e doutor em História (UFBA, 2013), tem experiência na área do ensino e da pesquisa em História e dedica-se ao estudo da História do Brasil Oitocentista. É líder do grupo de pesquisa Sergipe Oitocentista (UFS/CNPq) e sócio de entidades como a Associação Nacional de História - ANPUH e a Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos - SEO.





Cidade de São Cristóvão, Sergipe, idos da década de 1970. Era um segundo domingo de Quaresma e a vetusta Praça de São Francisco estava tomada pelos devotos do Senhor dos Passos. Naquele luminoso fim de tarde, a aparição do arcebispo de Aracaju no púlpito montado na orla sul da praça era o sinal para que o silêncio que antecedia o aguardado Sermão do Encontro se fizesse.²

Dom Luciano José Cabral Duarte, diante da multidão atônita, fitou a celebrada imagem do Senhor dos Passos, vestida pela túnica oitocentista que, há quase cem anos, havia sido doado por um devoto aquinhoado, um barão do açúcar muito pouco conhecido nos dias atuais.

Quatro décadas depois, na Quaresma de 2014, durante as celebrações ao Senhor dos Passos, a referida túnica oitocentista reapareceu na antiga Cidade de Sergipe d'El Rey, ligada a um “fato museal” que pouco repercutiu durante aqueles dias consagrados à fé cristã. Refiro-me à exposição temporária *Nos passos do Senhor dos Passos*, aberta ao público em 8 de março daquele ano, no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão, sob a curadoria da pedagoga Denize Santiago da Silva.

Imagem 1



Fonte: Acervo do autor

2 Descrição baseada nos relatos da imprensa sergipana sobre a Procissão do Encontro de 1974, notadamente a edição do *Jornal da Cidade* que circulou em 12 de março do referido ano.



Atraindo, somente, cerca de 80 visitantes (conforme o livro registros), que por lá passaram entre os dias 15 e 16, a exposição viu refletir em seu público muito do que era visível nas históricas ruas de São Cristóvão: a predominância de largartenses entre os romeiros (também se destacando aracajuanos, britenses, itabaianenses, estancianos e cristovenses)³. Grosso modo, a exposição apresentou aos visitantes um conjunto de túnicas que, entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX, vestiram a cultuada imagem do Senhor dos Passos. As peças são do acervo da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e se estavam em bom estado de conservação.

Seja por sua beleza ou pela qualidade dos materiais utilizados em sua confecção, seja pelo valor simbólico a ela agregado, destacou-se na exposição a túnica que, supostamente, foi oferecida ao Senhor dos Passos pelo Barão de Maruim. Aliás, no campo informativo que registrava “Túnica do século XIX, doada pelo Barão de Maruim” também constava que a peça foi confeccionada em veludo roxo, forrada de tafetá róseo e decorada com fios de ouro na gola, mangas e barra. Todavia, confesso ter dúvidas sobre a procedência daquela doação ao Senhor dos Passos. Segundo a curadora, o dado exposto foi apanhado na tradição oral, que também dá conta do local de confecção da túnica: a França.

Como é dever da História inquirir a memória (atestando, relativizando ou negando verdades por ela difundidas), ensaiemos um exercício de crítica histórica, tomando como referência, inclusive, outros registros da memória cristovense.

A historiografia sergipana nos ensina que a cidade de São Cristóvão era, durante o Segundo Reinado, um reduto do Partido Liberal, enquanto Aracaju e outras cidades e vilas da região da Cotinguiba eram redutos do Partido Conservador. Dessa forma, o grupo político que dominava o vale do Vaza-Barris (notadamente os municípios de São Cristóvão e Itaporanga d’Ajuda) não era aquele sobre o qual o Barão de Maruim (1809-1890) exercia sua influência, mas sim o grupo político capitaneado, até princípios da década de 1860, pelo comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto (1802-1884) e, depois disso, pelo Barão da Estância – como ficou conhecido Antônio Dias Coelho e Mello (1822-1904), senhor do Engenho Escurial, em São Cristóvão, e político de proa que chegou ao Senado do Império.

Em São Cristóvão, principalmente após 1855 (ano da transferência da capital da Província de Sergipe para Aracaju), o Barão de Maruim era, claramente, uma *persona non grata*. As páginas do *Annuario Christovense*, escritas por Serafim Santiago (1860-1932), o mais célebre memorialista de São Cristóvão, estão tomadas pela aversão dos cristovenses

3 Os gentílicos referem-se, respectivamente, aos naturais das cidades sergipanas de Lagarto, Aracaju, Campo do Brito, Itabaiana, Estância e São Cristóvão.



ao Barão de Maruim, político pejorativamente classificado como egoísta, traidor e ave de rapina.

Imagem 2



Fonte: Acervo do IHGSE

O sentimento que, na década de 1920, movia a pena de Serafim Santiago assemelha-se àquele que, na São Cristóvão de hoje, alimenta a lenda de que, na comovente Procissão do Encontro (realizada sempre no segundo domingo da Quaresma), quando a imagem do Senhor dos Passos alcança a Praça de São Francisco, um besouro popularmente conhecido como vi-ra-bosta dá voltas em torno da cabeça coroada com espinhos do Cristo. Seria o Barão de Maruim convertido em um inseto, pedindo perdão ao Senhor dos Passos pelo pecado cometido, em 17 de março de 1855, contra a abençoada “matrona do Paramopama”.⁴

4 O termo refere-se à cidade de São Cristóvão, que se desenvolveu às margens do Paramopama, um afluente da margem esquerda do Vaza-Barris.

Não consigo, dessa forma, vislumbrar uma relação direta entre o Barão de Maruim e os atos devocionais ao Senhor dos Passos em São Cristóvão. Pelo contrário, ao custear a ereção do faustoso templo consagrado ao Senhor dos Passos da cidade de Maruim (atual igreja matriz da Paróquia Senhor dos Passos), é provável que o político mudancista pretendesse tirar de São Cristóvão também a primazia na vida espiritual da Província de Sergipe, atraindo devotos para outra morada do Senhor dos Passos, inaugurada em princípios da década de 1860. É, inclusive, no altar-mor daquele templo maruinense que jaz o Barão de Maruim. Morto no Rio de Janeiro em 1890, em plena ressaca republicana, o ex-senador e barão do Império foi sepultado no cemitério da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, de onde os seus restos mortais foram trasladados pelo Governo de Sergipe, em 1937.⁵

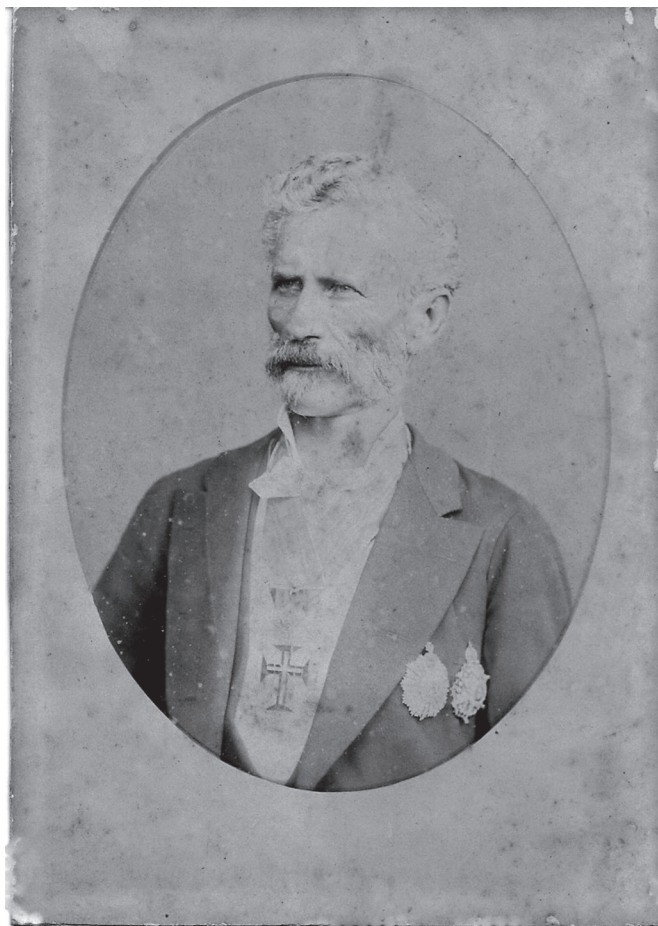
Considero provável que uma “armadilha da memória” tenha vinculado ao nome do mais afamado barão sergipano uma ação que, possivelmente, está ligada ao já mencionado Barão da Estância, político cujo nome é pouco lembrado pela historiografia e não batiza ruas ou avenidas importantes em Aracaju ou São Cristóvão.

O Barão da Estância, além de residir no município (o seu Engenho Escorial, localizado na ribeira do Vaza-Barris, ficava à cerca de duas léguas da sede municipal) e possuir casa em São Cristóvão (ocupada por sua família, principalmente, em datas assinaladas do calendário católico) era um dos membros mais ativos da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, grupo diretamente envolvido nas celebrações ao Senhor dos Passos.

5 ALBUQUERQUE, Samuel. *Registros epigráficos da Paróquia Senhor dos Passos, em Maruim/SE*. Aracaju, 2013 (Acervo Samuel Albuquerque).



Imagem 3



112



Fonte: Acervo do IHGSE

Rememorando os meados da década de 1870, o *Annuario Christovense* destaca o Barão da Estância entre os terceiros de Nossa Senhora do Carmo ao descrever, por exemplo, a Procissão do Depósito (também conhecida como da Transladação ou do Encerro), realizada na noite do segundo sábado da Quaresma, durante os atos votivos ao Senhor dos Passos. Segundo Serafim Santiago,

(...) Via-se ao pé da charola, aguardando o momento da saída, o Presidente da Província com seu estado-maior, Barão da Estancia, Commendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, Coronel Jozé Guilherme da Silveira Telles, Coronel Domingos Dias Coêlho Mello, D^r Silvio Anacleto de Souza Bastos, D^r Simões de Mello e muitissimos outros abastados proprietarios do Vasa-barris, antigos devotos da respeitavel Imagem do Senhor dos Passos.⁶

6 SANTIAGO, Serafim. *Annuario Christovense ou Cidade de São Christovão*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009, p. 182.



Ao tratar da igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, templo que abriga a imagem do Senhor dos Passos, a anuário registra:

Este antigo Templo foi ultimamente retocado as expensas do Ex.^{mo} Sen “Barão da Estancia no anno de 1898, cumprindo elle um voto antigo que havia feito ao mesmo Bom Jesus dos Passos, fasendo na conclusão da obra, celebrar-se uma pompoza festa, comparecendo n’aquella Cidade, a convite do mesmo senhor “Barão da Estancia, o Ex.^{mo} Senr. Governador do Estado D.^r Daniel Campos e sua comitiva, a musica do Corpo de Policia, grande multidão de pessoas desta Capital, Itaporanga, Larangeiras e das mais vizinhas.⁷

O célebre jurista Gumersindo Bessa (1859-1913), nos “retalhos” (textos esparsos veiculados pela imprensa sergipana) que foram reunidos e publicados, postumamente, na obra *Pela imprensa e pelo fôro* (1916), deixou seu testemunho sobre o papel de destaque ocupado pelo Barão da Estância nos atos em homenagem ao Senhor dos Passos. Referindo-se à Procissão do Depósito realizada no segundo sábado da Quaresma do ano de 1886, registrou Bessa:

Vi ao pé da charola, numa posição indescriptivel de fidalgo e penitente, um velho esguio, alto, aprumado, moreno, barba branca cerrada e curta, cabelleira rebelde, trajado com elegancia e modestia, silencioso, immovel, aguardando a sahida da procissão naquelle posto, para que ninguem lhe roubasse o goso depôr aos hombros um dos varaes do andor. (...) No mesmo instante entram na igreja o Manuel Góes, presidente da provincia, o Rastelli, juiz de direito da comarca, e o Oséas, secretario do governo.

E, vão entrando e vão dizendo:

- Sr. ‘Senador’, – diz o Góes.
- ‘Sr. Barão’, diz o Rastelli.
- ‘Meu chefe’, diz o Oséas.

Então o vulto immovel falou. Palavra imprecisa, hesitante, acanhada; mas com tal timbre de dignidade e afirmação de si, que se sentia uma alma nobre alli dentro e um homem incapaz de uma falsidade.

Isto passou.

O velho Barão da Estância descança em Deus, abençoado pelos que tiveram o prazer de ser seus amigos.⁸

Em concordância com os registros legados por Serafim Santiago e Gumersindo Bessa, estão o texto de memórias de Aurélia Dias Rollemberg (1863-1952), filha do Barão da Estância e de dona Lourença de Almeida

7 SANTIAGO, Serafim. *Annuario Christovense ou Cidade de São Christovão*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009, p. 73.

8 BESSA, Gumersindo. *Pela imprensa e pelo fôro*. Aracaju: Imprensa Popular, 1916. p. 74-75.



Dias Mello (1848-1890); e o testamento do próprio Barão da Estância, aberto em 1904, em sua casa de residência na cidade de São Cristóvão.

Dona Sinhá, como ficou conhecida a filha do Barão da Estância e viúva do político Gonçalo de Faro Rollemberg (1860-1927), registrou sobre a presença de sua família nas festividades religiosas da antiga capital de Sergipe: “(...) iamos com muitas saudades para S. Christovão, assistirmus a Procissão de Passos [e] S. Sancta, que eram mto bonitas e concorridas”.⁹

Em seu testamento, além de declarar-se “firme Catholico Apostolico Romano”, o Barão da Estância deixou uma pequena fortuna para o templo que abrigava a imagem que tanto cultuava.

Deixo a Igreja do Nosso Senhor Jesus dos Passos da Cide de S Christovão huma apolice de hum conto de r^e de juros a 5% pa com os juros d'esta apolice dever de huma Missa Cantada todos os annos no dia de signado. Esta apolice ficará em poder do parcho da Freguesia, e qq^r q seja o seo [ilegível] tendo o direito de cobrar os juros do anno pa o dia [da] Missa Cantada. Nao poderá em tempo algum passar a outro, e nem ser aliennada, salvo se justificar q a Igreja precisa de reparos, e n'este caso poderá ser negociada”, registrou o devoto já moribundo.¹⁰

Outra vontade expressa no testamento do Barão da Estância era a de ser velado aos pés do Senhor dos Passos, sob a casa que ajudou a manter:

Se morrer aqui [em S Christovão] o meo corpo será levado a Igreja do Senhor dos Passos, e lá collocado em huma mesa forrada de preto, sem eça sem aparato algum. Encomendado simploria^{te} p^{los} Frades a São Francisco, será meo corpo conduzido p^{los} meos amigos e parentes pa a Igreja do Colegio na onde serei sepultado.¹¹

Sua vontade parece ter sido cumprida à risca e ainda hoje podemos encontrar a esquecida e maltratada lápide sepulcral do Barão da Estância e de outros membros de sua família (inclusive seus pais, irmãos e sua segunda consorte) no que foi a sacristia da Igreja Nossa Senhora da Guia do Colégio, nos arredores do povoado Nova Descoberta, em Itaporanga d'Ajuda.¹²

Voltando à túnica, uma fonte que registra sua origem é o depoimento concedido pela memorialista Maria Paiva Monteiro (1913-2004) ao histo-

9 ROLLEMBERG, Aurélia Dias. O documento. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial, 2005. p. 53, 56-57.

10 TESTAMENTO do Barão da Estância. São Cristóvão, 1904, p. 3. Arquivo Geral do Judiciário, fundo São Cristóvão/Cartório do 1º Ofício, caixa 11, número geral 77.

11 TESTAMENTO do Barão da Estância. São Cristóvão, 1904, p. 3 e 4. Arquivo Geral do Judiciário, fundo São Cristóvão/Cartório do 1º Ofício, caixa 11, número geral 77.

12 Aliás, é preciso que se registre o estado lastimável em que se encontram as lápides no interior daquele combalido templo, a despeito de ser ele um bem tombado pelo poder público federal e pertencer a descendentes diretos dos que ali jazem.

riador Magno Santos em dezembro de 2003. Considerada “a memória viva de São Cristóvão”¹³, a professora primária conhecida como dona Marinete era filha de um antigo tesoureiro da Ordem Terceira do Carmo, o senhor Horácio Pio Monteiro (1852-1924), e foi secretária da Associação Nossa Senhora do Carmo, entidade que, nos idos da década de 1970, assumiu muitas das atribuições dos terceiros do Carmo, inclusive a organização das procissões quaresmais. Dona Marinete preservou a memória de que o Barão da Estância teria mandado confeccionar aquela túnica na França, oferecendo-a ao Senhor dos Passos como prova de sua devoção¹⁴. Sobre a memorável Marinete, registrou o historiador:

A trajetória de vida de dona Marinete esteve relacionada com a romaria dos Passos. Mais do que isso. Ela participou ativamente dos bastidores da celebração maior da cidade de São Cristóvão. Ofícios, arrumação das charolas, reuniões de comissões organizadoras, criação de associações, tudo isso ocorreu ao longo do século XX com a presença dessa devota. Prova disso foram as reuniões da década de 70 do século XX em que a devota se tornou testemunha da extinção da Ordem Terceira do Carmo e assumiu o cargo de secretária da nova Associação de leigos criada sob a tutela do arcebispo metropolitano de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte. Desde a tenra infância dona Marinete esteve presente na vistosa procissão, pois ela era membro de uma família católica da cidade.¹⁵

115

É preciso mencionar, inclusive, que o primeiro registro historiográfico do qual tenho notícia, tratando da referida túnica, remete ao estudioso das devoções cristovenses que, em fins de 2003, colheu duas longas entrevistas com dona Marinete. Baseando em depoimentos da memorialista, Magno Santos registrou:

A túnica doada pelo Barão da Estância não é mais usada, mas traz em si as marcas de devoção, como o desgaste do tecido em partes em que os romeiros tocavam. O tato devocional passou milhares de vezes pelo manto, em busca de bênçãos, deixando suor, lágrimas e preces. São algumas das facetas da devoção ao Senhor dos Passos, que conseguia unir em um mesmo percurso, sob o mesmo tecido um nobre e tantos flagelados da sociedade aristocrática e excludente de Sergipe oitocentista.¹⁶

13 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Os sete passos da Paixão: patrimônio e memórias na romaria do Senhor dos Passos de Sergipe. *Anais do Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural*. Terezina: 2012. p. 12.

14 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Depoimento concedido ao autor*. Aracaju, 31 de outubro de 2012.

15 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Os sete passos da Paixão: patrimônio e memórias na romaria do Senhor dos Passos de Sergipe. *Anais do Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural*. Terezina: 2012. p. 3.

16 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Os últimos passos de uma devoção: indícios da religiosidade de um nobre sergipano oitocentista. *Historien – Revista de História*, Petrolina, v. 3, p. 164-165, 2010.



Confesso também não acreditar que a finíssima túnica foi confeccionada na França. Considero provável que os materiais e a mão de obra utilizada sejam, realmente, de origem francesa. Contudo, penso estar no atelier de certa madame Laurant, modista francesa estabelecida à Rua do Ouvidor (centro do comércio de luxo no Rio de Janeiro oitocentista), a criação daquela peça.

Conforme os registros de memória de Aurélia Dias Rollemberg, desde fins da década de 1870, a família do Barão da Estância tomou parte no seleto grupo de clientes daquela modista, cujo concorrido atelier ficava sobre a famosa Confeitaria Paschoal, no número 128 da Ouvidor, esquina com Gonçalves Dias.

Madame Laurant aparece em vários momentos da narrativa de dona Sinhá. No primeiro deles, a memorialista registrou: “Ella era uma franceza q fallava o portuguez, delicada e optima modista. Morava com uma filha que ajudava e uma sobrinha professora formada em musica”.¹⁷

Na companhia da museóloga Ana Karina Rocha de Oliveira, especialista em coleções têxteis, examinei detidamente a veste em estudo, uma “túnica de veludo na cor roxa, manga comprida, decote em V acentuado, gola clerical e forrada com tafetá róseo em toda a sua extensão”. Entre os detalhes alcançados pelo experiente olhar da museóloga, chamaram a minha atenção os finíssimos elementos fitomorfos (flores e folhas) confeccionados em fita dourada que decora a gola, as mangas e a barra da peça. Contudo, outros elementos decorativos, como “estrelas bordadas em alto relevo com fio dourado e lantejoulas” (dispostas indiscriminadamente em toda a peça), foram aplicados à túnica ao longo dos anos em que ela foi usada nas procissões quaresmais, nublando a sua originalidade.¹⁸

17 ROLLEMBERG, Aurélia Dias. O documento. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial, 2005. p. 67.

18 OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. *Descrição da “Túnica do século XIX doada pelo Barão de Maruim”, peça da exposição “Nos Passos do Senhor dos Passos”, aberta ao público em 8 de março de 2014, no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão – MASC*. Aracaju, 30 mar. 2014 (Acervo Samuel Albuquerque).

Imagem 4



Fonte: Acervo do autor

Em suma, baseado nos testemunhos históricos e no parecer técnico citado, encaminho-me para a hipótese de que a túnica do Senhor dos Passos, supostamente doada pelo Barão de Maruim, foi confeccionada no Rio de Janeiro, por uma modista francesa da Rua do Ouvidor, sob encomenda, na verdade, do Barão da Estância.

Mas, seja como for, é provável que os sentimentos que moveram a ação do devoto brasonado assemelhem-se aos que movem os milhares de romeiros que, no segundo domingo da Quaresma, tomam as ruas da antiga capital de Sergipe, renovando a sua fé, dando conta das graças alcançadas e pedindo a benção do Senhor que, certamente, não dissocia a luxuosa túnica de veludo da ordinária túnica cetim atirada sobre sua imagem ao final da Procissão do Encontro.